

Poesia diluída

Prosa & Verso, *OGLOBO*, 24/03/2007

O material de release do livro *A musa diluída*, estreia do jovem poeta Henrique Rodrigues (nascido em 1975), enviado pela Record, inclui uma curta entrevista com o autor. Respondendo a uma pergunta sobre a “quase mítica questão de relações conturbadas entre os poetas”, Henrique, que também é prosador, conclui sua resposta afirmando: “Curiosamente, tenho mais contato com prosadores do que com poetas, mas acredito que seja mais por afinidades pessoais do que propriamente por um projeto estético”. Coincidentemente foi numa mesa de bar com prosadores (com quem *eu* tenho pouco contato) que vim a conhecê-lo apenas alguns dias depois de receber o convite de resenhar seu livro. No afável contato pessoal, pude pressentir “a seriedade com que ele encara seu trabalho de criação, assim como a intensidade com que se desenrolou seu processo de amadurecimento artístico e técnico”, como bem coloca Ítalo Moriconi na orelha, e, justamente pelo respeito e incentivo que uma vocação como a de Henrique Rodrigues merece, é preciso dizer que em *A musa diluída* quem se encontra diluída não é a musa, e sim a poesia.

De acordo com o Aurélio, uma das acepções da palavra musa é “tudo quanto pode inspirar um poeta”. Fascinado pela dissolução de todas as coisas pelo elemento líquido, pela água, o poeta escreve que “A musa diluiu-se, livre e rarefeita,/ Agora pode ser bebida em tudo// Há musa pelos bares, pelos rios, pelas poças/ Há musas nas garrafas que são como moças recém-chegadas/ Há musa na sujeira das coisas sem nexos ou beleza...”. Henrique parece saber que a poesia pode emergir surpreendentemente a qualquer momento, de tudo o que

há – de *qualquer coisa* que há; e um dos melhores poemas do livro, “Lugar”, termina justamente com o belo “viver não está no fundo, mas na beira”. No entanto, não há um casamento essencial, originário, entre o que é dito e sua forma, e os poemas de Henrique, não logrando ser uma coisa entre outras no mundo, ou melhor, ente irredutível, enfraquecem-se em mera representação, em discurso. É importante notar que isso não acontece porque o poeta faz uso de formas fixas clássicas (como o soneto e a sextina), que domina assim como domina o verso livre – muitos outros poetas contemporâneos empregam estas formas de modo efetivo – o problema parece estar numa postura distanciada do poeta em relação ao próprio tema, ou melhor, em uma não incorporação e experiência real de sua linguagem; em uma abordagem herdada de grandes poetas que vieram antes – no caso de Henrique, Drummond, Bandeira, Pessoa e João Cabral.

Assim como procurei a definição da palavra “musa” no dicionário, resolvi ir ao google recordar o conceito poundiano de “poeta diluidor”. Mas antes de completar minha pesquisa, descobri que desde a última vez que entrei no site “as escolhas afetivas” (<http://asescolhasafectivas.blogspot.com>) um interessantíssimo fórum livre respondendo a “o que você acha da situação da poesia no Brasil?” está rolando. Para quem não sabe, este blog é uma “curadoria autogestionada de poesia brasileira” gerada pelo poeta argentino e quase brasileiro Aníbal Cristobo. Numa rápida lida percebi que quase tudo o que eu queria dizer ao poeta Henrique Rodrigues está lá, articulado de forma mais precisa pelas contribuições de Carlito Azevedo, Marcos Siscar e Ricardo Domeneck.

Foi Carlito quem iniciou a polêmica ao afirmar: “A poesia contemporânea que me interessa é aquela que representa uma aventura intelectual... para quê vou querer um sub-Yeats se já tenho o próprio Yeats?”

De poetas como ele só se imita o que é imitável, e isso é sabido desde a Aurora, mas o que importa é justamente o inimitável que há neles, ou seja, sua aventura intelectual”. A única objeção que faço a esta afirmação é o uso da palavra “intelectual”, que me parece redutora. Prefiro dizer que a poesia que interessa é uma aventura radicalmente verdadeira e necessária, visceral e experimental. Ou, para usar um verso de *A musa diluída*, “Celebra. E bebe a ti na mesma taça.”

Bem-vindo, Henrique Rodrigues, à conturbada sim, mesa dos poetas.

Renato Rezende é poeta, autor de *Passeio* (Record, 2001) e *Ímpar* (Lamparina, 2005), com o qual ganhou o Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional, 2005.